

A CANTORA CARECA

(Eugène Ionesco)

Personagens:

SR. SMITH

SRA. SMITH

SR. MARTIN

SRA. MARTIN

MARY, a empregada

O CAPITÃO DOS BOMBEIROS

CENA I

(Interior burguês de uma casa inglesa, com poltronas inglesas. Tarde inglesa. O Sr. Smith inglês, sentado na poltrona com chinelos ingleses, fuma seu cachimbo inglês, lendo um jornal inglês, perto da lareira inglesa. Usa óculos ingleses e um pequeno bigode esbranquiçado inglês. Ao seu lado, numa outra poltrona inglesa, a Sra. Smith, inglesa, remenda meias inglesas. Um longo momento de silêncio inglês. O relógio inglês dá dezessete badaladas inglesas).

SRA. SMITH: Veja, são nove horas. Tomamos sopa, comemos peixe, batatas com toucinho e salada inglesa. As crianças beberam água inglesa. Comemos bem esta noite. É porque moramos nos arredores de Londres e o nosso nome é Smith.

SR. SMITH *(continua a ler, estala a língua.)*

SRA. SMITH: As batatas vão muito bem com toucinho e o azeite da salada não estava rançoso. O azeite do vendeiro da esquina é de melhor qualidade que o azeite do vendeiro da frente; é até melhor que o azeite do vendeiro da esquina de baixo. Mas isso não quer dizer que para eles o azeite seja ruim.

SR. SMITH *(continua a ler, estala a língua.)*

SRA. SMITH: Mas, mesmo assim, o azeite do vendeiro da esquina é sempre melhor.

SR. SMITH *(continua a ler, estala a língua.)*

SRA. SMITH: Mary, desta vez, cozinhou bem as batatas. Da ultima vez, ela não as deixou cozinhar direito. Eu só gosto de batatas quando elas estão bem cozidas.

SR. SMITH *(continua a ler, estala a língua.)*

SRA. SMITH: O peixe estava fresco. Eu lambi os beiços. Repeti duas vezes. Não, três vezes. Por causa disso precisei ir ao banheiro. Você também repetiu três vezes. Só que da ultima vez, você comeu menos que das duas primeiras vezes, enquanto eu comi muito mais. Comi mais que você esta noite. Por que será? Geralmente é você que come mais. Não é por falta de apetite.

SR. SMITH *(estala a língua.)*

SRA. SMITH: Mas a sopa estava um pouco salgada. Estava mais salgada que você. Ha, ha, ha. Tinha também muito alho, e não tinha cebola o suficiente. Lamento que eu não tenha pedido à Mary de acrescentar anis estrela. Da próxima vez, eu farei.

SR. SMITH *(continua a ler e estala a língua.)*

SRA. SMITH: Nosso garoto queria beber cerveja, ele está amando ficar bêbado. Ele é como você. Na mesa, percebeu como ele fitava a garrafa? Mas coloquei um pouco de água no copo dele. Ele estava com sede e bebeu. Helen é como eu: ela daria uma boa administradora: econômica e toca piano. Nunca pede para tomar cerveja inglesa. Ela gostou da nossa filha que somente bebe leite e toma mingau. Ela tem dois anos. Seu nome é Peggy. A torta de marmelo e feijão estava maravilhosa. Talvez tivesse sido melhor, ter tomado um pequeno copo de Burgundy Australiano com o doce, mas eu não trouxe a garrafa para mesa porque não quis dar as crianças o mau exemplo da gula. Eles têm que aprender a serem comedidos e moderados

SR. SMITH (*continua a ler e estala a língua.*)

SRA. SMITH: Sra. Parker conhece um vendedor romeno por nome Popesco Rosenfeld, que acaba de chegar da Constantinopla. Ele é um grande especialista em iogurte. Ele tem um diploma da escola de iogurteiros em Adrianopla. Amanhã irei comprar um grande pote de iogurte romeno dele. Não é com frequência que encontramos essas coisas aqui nos subúrbios de Londres.

SR. SMITH (*continua a ler e estala a língua.*)

SRA. SMITH: O iogurte é excelente para o estômago, os rins, a apendicite e a apoteose. Foi o que me disse o Dr. Mackenzie-King, que trata dos filhos dos nossos vizinhos, os John. É um bom médico. Pode-se ter confiança nele. Nunca receita um remédio que não tenha experimentado nele próprio. Antes de fazer a operação no Parker, fez-se operar do fígado, sem estar absolutamente doente.

SR. SMITH: Mas então porque não aconteceu nada com o doutor e o Parker morreu?

SRA. SMITH: Ora essa, porque a operação foi bem sucedida para o doutor e mal sucedida para o Parker.

SR. SMITH: Então Mackenzie não é um bom médico. A operação deveria ter sido bem sucedida para os dois, ou então os dois deveriam ter morrido.

SRA. SMITH: Por quê?

SR. SMITH: Um médico consciencioso deve morrer com o paciente, se não há cura para ambos. O capitão de um navio morre com o navio no mar. Ele não sobrevive sozinho.

SRA. SMITH: Não se pode comparar um doente com um navio.

SR. SMITH: Por que não? O navio também tem as suas doenças, e o médico é forte como um navio; esta é a razão pela qual deveria morrer juntamente com seu paciente, como o capitão e seu navio.

SRA. SMITH: Ah! Não tinha pensado nisso... Talvez seja isso mesmo. E então qual é a conclusão que você tira?

SR. SMITH: É que todos os médicos não passam de charlatões e todos os doentes também. Somente a Marinha é honesta na Inglaterra.

SRA. SMITH: Mas não os marinheiros.

SR. SMITH: Naturalmente (*Uma pausa, continua lendo o jornal:*) Aqui está uma coisa que eu não entendo. No jornal eles sempre colocam o falecimento de uma pessoa, mas nunca um novo nascimento. Isto não faz sentido.

SRA. SMITH: Eu não tinha pensado nisso! (*Outro momento de silêncio. O relógio bate sete vezes. Silêncio. O relógio bate três vezes. Silêncio. O relógio não bate.*)

SR. SMITH (*Ainda lendo o jornal*): Ora veja, aqui diz que Bobby Watson morreu.

SRA. SMITH: Meu Deus, o pobrezinho! Quando foi que ele morreu?

SR. SMITH: Para que esse espanto? Você sabe perfeitamente. Ele morreu há dois anos. Então não estivemos no enterro dele há um ano e meio?

SRA. SMITH: Ah sim, é claro que eu me lembro. Eu lembrei logo. Mas o que não compreendo é por que você ficou tão espantado ao ver isso no jornal.

SR. SMITH: Isso não estava no jornal. Há três anos que se fala de sua morte. Recordei-me por associação de idéias.

SRA. SMITH: Uma pena! Ele estava tão conservado.

SR. SMITH: Ele foi o mais bonito cadáver da Inglaterra. Não aparentava a idade que tinha. Pobre Bobby estava morto há quatro anos e ainda estava quente. Um verdadeiro cadáver vivo. E como ele era alegre!

SRA. SMITH: Coitada da Bobby.

SR. SMITH: Você quer dizer coitado do Bobby

SRA. SMITH: Não. Penso na mulher dele. Chamava-se Bobby como ele, Bobby Watson. Como ele tinha o mesmo nome, não era possível distinguir um do outro quando estavam juntos. Só depois da morte dele é que se puderam saber de verdade quem era um e quem era outro. E você sabe que ainda hoje há gente que confunde a viúva com o defunto e lhe dão os pêsames? Você a conhece?

SR. SMITH: Só a vi uma vez por acaso no enterro do Bobby.

SRA. SMITH: Eu nunca a vi. É bonita?

SR. SMITH: Tem traços regulares, mas não se pode dizer que seja bonita. É muito alta e forte. Seus traços não são regulares, mas é bem bonita. É um pouco baixinha e muito magra. É professora de canto. (*O relógio bate cinco vezes. Um longo silêncio.*)

SRA. SMITH: E quando os dois pretendem se casar?

SR. SMITH: O mais tardar na próxima primavera.

SRA. SMITH: Precisamos fazer todo o possível para irmos ao casamento.

SR. SMITH: Temos que arranjar o presente de núpcias. O que poderia ser?

SRA. SMITH: Por que não damos uma daquelas salvas de prata que recebemos em nosso casamento que nunca usamos? (*Silêncio.*)

SRA. SMITH: É triste ficar viúva tão nova.

SR. SMITH: Ainda bem que eles não têm filhos.

SRA. SMITH: Era o que faltava! Filhos! Coitada, como é que ela havia de se arranjar!

SR. SMITH: Ela ainda é nova. Pode casar-se novamente. Fica muito bem de luto.

SRA. SMITH: Mas quem tomará conta das crianças? Você bem sabe que eles têm um menino e uma menina. Como é que se chamam mesmo?

SRA. SMITH: Bobby e Bobby, como os pais. O tio de Bobby Watson, o velho Bobby Watson, é um homem muito rico e adora o garoto, e poderia muito bem encarregar-se da educação de Bobby.

SRA. SMITH: E seria muito natural. E a tia de Bobby Watson, a velha Bobby Watson, poderia muito bem encarregar-se, por sua vez, da educação de Bobby Watson, a filha de Bobby Watson. Assim Bobby, a mãe de Bobby Watson, poderia casar-se de novo. Ela tem alguém em vista?

SR. SMITH: Sim, um primo de Bobby Watson.

SRA. SMITH: Quem? Bobby Watson?

SR. SMITH: De qual Bobby Watson você está falando?

SRA. SMITH: De Bobby Watson, o filho do velho Bobby Watson, um outro tio do Bobby Watson defunto.

SR. SMITH: Não, não é esse, mas outro. Trata-se de Bobby Watson, o filho da velha Bobby Watson, a tia do Bobby Watson defunto.

SRA. SMITH: Você está se referindo a Bobby Watson o caixeiro viajante?

SR. SMITH: Todo o Bobby Watson é caixeiros viajantes.

SRA. SMITH: Mas que profissão horrível! No entanto, dá dinheiro a eles.

SR. SMITH: Sim, quando não há concorrência.

SRA. SMITH: E quando há concorrência.

SR. SMITH: Nas terças-feiras, quintas-feiras e terças-feiras.

SRA. SMITH: Ah! Três dias por semana? E o que é que Bobby Watson faz nesses dias?

SR. SMITH: Ele descansa e dorme.

SRA. SMITH: Mas por que ele não trabalhar nesses três dias, se não há concorrência?

SR. SMITH: Não sei tudo. Não posso responder todas essas suas perguntas idiotas!

SRA. SMITH (*ofendida*): Oh! Você está tentando me humilhar?

SR. SMITH (*sorrindo*): Você sabe muito bem que eu não estou.

SRA. SMITH: Homens são todos iguais! Passam o dia todo sentado, com um cigarro na boca, ou passando pó-de-arroz na cara e ruge nos lábios, cinquenta vezes por dia, ou ainda bebendo sem parar.

SR. SMITH: Mas o que você diria se vise homens fazendo o que mulheres fazem: fumando o dia todo, colocando pó-de-arroz, pondo ruge nos lábios, bebendo uísque?

SRA. SMITH: Cá pra mim, eu não ligo! Mas se você diz isso é apenas pra me irritar... Não gosto desse tipo de brincadeira, você sabe muito bem disso!

(Ela arremessa as meias por todo palco e mostra os dentes. Ela levanta.)

SR. SMITH *(Também se levanta e vai até sua esposa, ternamente):* Oh, minha franguinha assada, pra que todo esse fogo! Você sabe muito bem que estava brincando! *(Ele a toma pela cintura e a beija.)* Que par de amantes bobos somos nós! Vem, vamos desligar e dormir.

CENA II

MARY *(entra):* Eu sou a empregada. Passei uma tarde muito agradável. Fui ao cinema com um homem e assisti a um filme com mulheres. Quando acabou a sessão. Fomos beber leite com aguardente. Depois ficamos lendo o jornal.

SRA. SMITH: Espero que você tenha passado uma tarde muito agradável, que tenha ido ao cinema com um homem e bebido leite com aguardente.

SR. SMITH: E que tenha lido o jornal!

MARY: O Sr. e a Sra. Martin, seus convidados, estão aí na porta. Eles estavam à minha espera. Não se atreveram a vir por si sós. Eles supõem que irão jantar com vocês esta noite.

SRA. SMITH: Ah, sim. Nós os estávamos esperando. E estamos famintos. Que não se perceba que íamos começar a jantar sem eles. Não comemos nada o dia todo. Você não devia ter saído!

MARY: Mas foram vocês me deram permissão

SR. SMITH: Nós não fizemos isso de propósito.

MARY *(Acesso de risos e, em seguida, acesso de lágrimas. Então sorri):* Eu comprei um penico.

SRA. SMITH: Por favor, querida Mary, faça os Martin entrar. Nós vamos trocar de roupa.

CENA III

(Sr. e Sra. Smith saem pela direita. Mary abre a porta pela esquerda para que Sr. e Sra. Martin entrem.)

MARY: Porque chegaram tão tarde! Vocês não têm educação. Têm que chegar cedo. Entenderam? Mas sentem-se ali, em todo o caso, agora é esperar uma vez que já estão aqui. *(Ela sai.)*

CENA IV

(O Sr. e a Sra. Martin sentam-se frente a frente, sem se falarem. Sorriem um para o outro, timidamente. O diálogo que se segue deve ser dito com voz arrastada, monótona, meio cantante, sem nuances)

SR. MARTIN: Desculpe minha senhora, mas me parece, se não estou enganado, que a conheço de algum lugar.

SRA. MARTIN: Eu também, meu senhor, parece que o conheço de algum lugar.

SR. MARTIN: Por acaso, minha senhora, eu não a teria visto em Manchester?

SRA. MARTIN: É bem possível. Eu sou da cidade de Manchester! Mas não me lembro muito bem, meu senhor, eu não poderia dizer se o vi ou não!

SR. MARTIN: Meu Deus, que curioso! Eu também sou da cidade de Manchester, minha senhora!

SRA. MARTIN: Que curioso!

SR. MARTIN: Que curioso! ... Só que eu, minha senhora, saí de Manchester há mais ou menos cinco semanas!

SRA. MARTIN: Que curioso! Que estranha coincidência! Eu também, meu senhor, saí da cidade de Manchester há mais ou menos cinco semanas.

SR. MARTIN: Peguei o trem das oito e meia da manhã, que chega em Londres às quinze para as cinco, minha senhora.

SRA. MARTIN: Que curioso! Que estranho! E que coincidência! Eu também peguei o mesmo trem, meu senhor.

SR. MARTIN: Meu Deus, que curioso! Então, minha senhora, talvez eu a tenha visto no trem?

SRA. MARTIN: É bem possível, pode ser, é plausível, e, afinal, por que não!... Mas eu não me lembro disso, meu senhor!

SR. MARTIN: Eu estava viajando de segunda classe, minha senhora. Não existe segunda classe na Inglaterra, mas assim mesmo eu viajo de segunda classe.

SRA. MARTIN: Que estranho, que curioso, e que coincidência! Eu também, meu senhor, estava viajando de segunda classe!

SR. MARTIN: Que curioso! Talvez nós tenhamos nos encontrado na segunda classe, minha cara senhora!

SRA. MARTIN: É bem possível, pode ser. Mas eu não me lembro muito bem, meu caro senhor!

SR. MARTIN: Meu lugar era no vagão número oito, sexto compartimento, minha senhora!

SRA. MARTIN: Que curioso! Meu lugar também era no vagão número oito, sexto compartimento, meu caro senhor!

SR. MARTIN: Que curioso e que estranha coincidência! Talvez nós tenhamos nos encontrado no sexto compartimento, minha cara senhora?

SRA. MARTIN: É bem possível, afinal! Mas eu não me lembro, meu caro senhor!

SR. MARTIN: Para falar a verdade, minha cara senhora, eu também não me lembro, mas é possível que tenhamos nos visto lá, e, pensando bem, a coisa me parece mesmo bem possível!

SRA. MARTIN: Oh! Realmente, é claro, realmente, meu senhor!

SR. MARTIN: Que curioso!... Meu lugar era o número três, do lado janela, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Oh, meu Deus, que curioso e que estranho, meu lugar era o número seis, perto da janela, em frente ao senhor, meu caro senhor.

SR. MARTIN: Oh, meu Deus, que curioso e que coincidência!... Nós estávamos então frente a frente, minha cara senhora! É aí que devemos ter-nos visto!

SRA. MARTIN: Que curioso! É possível, mas eu não me lembro meu senhor.

SR. MARTIN: Para falar a verdade, minha cara senhora, eu também não me lembro. Contudo, é bem possível que nós tenhamos nos visto naquela ocasião.

SRA. MARTIN: É verdade, mas eu não estou muito certa disso, meu senhor.

SR. MARTIN: Mas não foi a senhora, minha cara senhora, a senhora me pediu para pôr sua maleta no bagageiro e que em seguida me agradeceu e me deu permissão para fumar?

SRA. MARTIN: É sim, devia ser eu, meu senhor! Que curioso, que curioso, e que coincidência!

SR. MARTIN: Que curioso, que estranho, que coincidência! Muito bem, e então, então talvez nós tenhamos nos conhecido naquele momento, minha senhora?

SRA. MARTIN: Que curioso e que coincidência! É bem possível, meu caro senhor! Contudo, acho que não me lembro.

SR. MARTIN: Eu também não, minha senhora.

(Um momento de silêncio. O relógio bate)

SR. MARTIN: Desde que cheguei a Londres, moro na Rua Bromfield, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Que curioso, que estranho! Eu também, desde a minha chegada a Londres, moro na Rua Bromfield, meu caro senhor.

SR. MARTIN: Que curioso, mas então, talvez nós tenhamos nos encontrado na Rua Bromfield, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Que curioso, que estranho! É bem possível, afinal! Mas eu não me lembro meu caro senhor.

SR. MARTIN: Eu moro no número dezenove, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Que curioso, eu também moro no número dezenove, meu caro senhor.

SR. MARTIN: Mas então, mas então, mas então, mas então, talvez nós tenhamos nos visto naquela casa, minha cara senhora?

SRA. MARTIN: É bem possível, mas eu não me lembro meu caro senhor.

SR. MARTIN: Meu apartamento fica no quinto andar, é o número oito, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Que curioso, meu Deus, que estranho! E que coincidência! Eu também moro no quinto andar, no apartamento número oito, meu caro senhor.

SR. MARTIN: Que curioso, que curioso, que curioso e que coincidência! Sabe, no meu quarto, eu tenho uma cama. Minha cama fica coberta com um edredom verde, encontra-se no fim do corredor, entre o lavabo e a biblioteca, minha cara senhora!

SRA. MARTIN: Que coincidência, ah meu Deus, que coincidência! Meu quarto também tem uma cama com um edredom verde e se encontra no fim do corredor, entre o lavabo, meu caro senhor, e a biblioteca!

SR. MARTIN: Que estranho, que curioso! Então, minha senhora, moramos no mesmo quarto e dormimos na mesma cama, minha cara senhora. Talvez seja lá que nós tenhamos nos encontrado!

SRA. MARTIN: Que curioso e que coincidência! É bem possível que tenhamos nos encontrado lá, e talvez até mesmo na noite passada. Mas eu não me lembro meu caro senhor.

SR. MARTIN: Eu tenho uma filhinha, minha filhinha, ela mora comigo, minha cara senhora. Ela tem dois anos, é loira, tem um olho branco e um olho vermelho, é muito bonita e se chama Alice, minha cara senhora.

SRA. MARTIN: Que estranha coincidência! Eu também tenho uma filhinha, ela tem dois anos, um olho branco e um olho vermelho, é muito bonita e também se chama Alice, meu caro senhor.

SR. MARTIN: *(com a mesma voz arrastada, monótona)* Que curioso e que coincidência! E estranho! Talvez seja a mesma, minha cara senhora!

SRA. MARTIN: Que curioso! É bem possível, meu caro senhor.

(Um momento de silêncio bem longo. O relógio bate vinte e nove vezes)

SR. MARTIN: *(após refletir longamente, levanta-se lentamente e, sem se apressar, dirige-se até a Sra. Martin que, surpresa com o ar solene do Sr. Martin, também se levantou, muito suavemente; o Sr. Martin fala com a mesma voz singular, monótona, vagamente cantante)* Então, minha cara senhora, creio que não há dúvida, nós já nos vimos e a senhora é minha própria esposa... Elisabeth, eu reencontrei você!

(aproximando-se do Sr. Martin sem se apressar. Eles se abraçam sem expressão. O relógio soa uma vez, muito forte. A batida do relógio deve ser tão forte que deve fazer os espectadores se sobressaltarem. O casal Martin não a ouve.)

SRA. MARTIN: Donald é você, Darling!

(Eles se sentam na mesma poltrona, permanecem abraçados e adormecem. O relógio bate ainda várias vezes. Mary, na ponta dos pés, um dedo nos lábios, entra suavemente em cena e dirige-se ao público)

CENA V

MARY: Elisabeth e Donald estão agora muito felizes. Não poderão ouvir-me, portanto. Posso então revelar-lhes um segredo. Elisabeth não é Elisabeth; Donald não é Donald. E aqui está a prova: a filha de que fala Donald, não é filha de Elisabeth; as duas não são a mesma criança. A filhinha de Donald tem um olho branco e outro vermelho exatamente como a filhinha de

Elizabeth. Mas acontece que a filhinha de Donald tem um olho branco à direita e um olho vermelho à esquerda e a filhinha de Elisabeth tem um olho vermelho à direita e um olho branco à esquerda! Assim, todo sistema de dedução do Donald desmorona quando vai de contra a este obstáculo que destrói sua teoria. Apesar da extraordinária coincidência que parecem ser provas definitivas, Donald e Elizabeth, que não são pais da mesma criança, não são também Donald e nem Elizabeth. É em vão ele pensar que é o Donald, é em vão ela pensar que é a Elizabeth. Ele acredita em vão que ela é a Elizabeth. Ela acredita em vão que ele é o Donald - eles estão tristemente enganados. Mas quem é o verdadeiro Donald? Quem é a verdadeira Elizabeth? Quem tem qualquer interesse em prolongar esta confusão? Eu não sei. Não vamos tentar saber. Vamos deixar as coisas como são. *(Ela toma vários passos em direção a porta e, em seguida, volta e diz para a platéia:)* Meu verdadeiro nome é Sherlock Holmes. *(sai.)*

CENA VI

(O relógio bate. Depois de alguns segundos, Senhor e Sra. Martin separados, sentam nos mesmos assentos do início.)

SR. MARTIN: Darling, vamos esquecer tudo que aconteceu, e agora que nós encontramos novamente, vamos tentar não nós perder um do outro, e viver como antes.

SRA. MARTIN: Sim, Darling.

CENA VII

(Sr. e Sra. Smith entram pela direita, sem haver mudado absolutamente a roupa.)

SRA. SMITH: Boa noite, caros amigos! Por favor, perdoem-nos por ter-lhe feito esperar tanto tempo. Julgamos que deveríamos render-lhes as honras as quais tem direito e desde que sabíamos de antemão que vocês nos queriam dar o prazer de uma visita, sem antes anunciá-la, fomos rapidamente nos vestir apropriadamente pra ocasião.

SR. SMITH *(furioso):* Nós não comemos o dia todo. E ficamos por quatro horas esperando vocês. Por que chegaram tão tarde?

(Sr. e Sra. Smith sentam em frente aos convidados. O relógio bate subliminar à conversação da platéia, mais ou menos forte, de acordo com o caso. Os Martin, particularmente Sra. Martin, parece envergonhada e tímida. Por este motivo, a conversa começa com dificuldade e as palavras são ditas, no início, embaraçadamente. Em primeiro um longo silêncio constrangedor, depois mais silêncio seguido de hesitações.)

SR. SMITH: Hm. *(Silêncio.)*

SRA. SMITH: Hm, hm. *(Silêncio.)*

SRA. MARTIN: Hm, hm, hm. *(Silêncio.)*

SR. MARTIN: Hm, hm, hm, hm. *(Silêncio.)*

SRA. MARTIN: Ah, decididamente. *(Silêncio.)*

SR. MARTIN: Estamos todos gripados. *(Silêncio.)*

SR. SMITH: Não está fazendo frio, porém. *(Silêncio.)*

SRA. SMITH: Não há corrente de ar. *(Silêncio.)*

SR. MARTIN: Ah não, felizmente. *(Silêncio.)*

SR. SMITH: Ah, la, la, la, la. (*Silencio.*)

SR. MARTIN: Não se sente bem? (*Silencio.*)

SRA. SMITH: Não, ela está com as calças molhadas. (*Silencio.*)

SRA. MARTIN: Ah, senhor, na sua idade o senhor não devia. (*Silencio.*)

SR. SMITH: O coração não envelhece. (*Silencio.*)

SR. MARTIN: É verdade. (*Silencio.*)

SRA. SMITH: É o que dizem. (*Silencio.*)

SRA. MARTIN: Também dizem o contrário. (*Silencio.*)

SR. SMITH: A verdade fica entre os dois. (*Silencio.*)

SR. MARTIN: Isso é verdade. (*Silencio.*)

SRA. SMITH (*para os Martin*): Vocês que viajam bastante, devem, portanto ter coisas bem interessantes para nos contar.

SR. MARTIN (*à esposa*): Diga querida, o que foi que você viu hoje?

SRA. MARTIN: Não vale a pena, vocês não iriam acreditar

SR. SMITH: Não poremos em dúvida a sua boa fé!

SRA. SMITH: Ficaríamos ofendidos se pensassem tal coisa.

SR. MARTIN (*à esposa*): Você os ofenderia querida se pensasse...

SRA. MARTIN (*graciosa*): Bem, eu vi hoje, uma coisa extraordinária, uma coisa incrível.

SR. MARTIN: Diga depressa querida.

SR. SMITH: Ótimo! Vamos nos divertir um pouco.

SRA. SMITH: Finalmente!

SRA. MARTIN: Muito bem, hoje eu saio para comprar legumes no mercado, que, aliás, estão cada vez mais caros.

SRA. SMITH: Onde é que nós vamos parar!

SR. SMITH: Querida não interrompa, isso é muito grosseiro.

SRA. MARTIN: Eu vi na rua, ao lado de um bar, um senhor bem vestido, de uns cinquenta anos mais ou menos...

SR. SMITH: O quê, quem?

SRA. SMITH: O quê, quem?

SR. SMITH (*à esposa*): Não interrompa querida. Você é desagradável!

SRA. SMITH: Querido, foi você que interrompeu primeiro, grosseirão.

SR. SMITH (*à esposa*): Psiu! (*a Sra. Martin:*) E o que é que esse senhor estava fazendo?

SRA. MARTIN: Bom, vocês vão dizer que eu estou inventando; ele estava ajoelhado e estava curvado...

SR. MARTIN, SR. SMITH, SRA. SMITH: Oh!

SRA. MARTIN: Sim, curvado

SR. SMITH: Não é possível

SRA. MARTIN: Sim, curvado. Eu me aproximei dele para ver o que estava fazendo...

SR. SMITH: E?

SRA. MARTIN: E ele estava amarrando os cadarços.

SR. MARTIN, SR. SMITH, SRA. SMITH: Fantástico!

SR. SMITH: Se outra pessoa me contasse, eu não acreditaria.

SR. MARTIN: Por que não? Andando pela rua vêem-se coisas mais extraordinárias ainda. Hoje, por exemplo, eu mesmo vi, no metrô, sentado num banco, um senhor que lia tranquilamente o jornal.

SRA. SMITH: Que coisa incrível!

SR. SMITH: Talvez seja o mesmo homem do sapato!

(A campainha toca.)

SR. SMITH: Meu Deus, alguém está tocando a campainha.

SRA. SMITH: Deve haver alguém na porta. Eu vou atender.

(Ela vai ver, abre a porta e fecha, e volta.) Ninguém. *(senta.)*

SR. MARTIN: Eu vou lhes dar outro exemplo...

(Campainha toca novamente.)

SR. SMITH: Meu Deus, alguém está tocando a campainha.

SRA. SMITH: Deve haver alguém na porta. Eu vou atender. *(Ela vai, abre a porta, e volta.)* Não era ninguém. *(senta-se.)*

SR. MARTIN (*esquece o que estava falando*): Uh...

SRA. MARTIN: Você estava nos dizendo que ia dar outro exemplo.

SR. MARTIN: Ah, sim...

(Campainha toca novamente.)

SR. SMITH: Meu Deus, alguém está tocando a campainha.

SRA. SMITH: Eu não vou abrir a porta novamente.

SR. SMITH: Sim, deve haver alguém lá!

SRA. SMITH: Da primeira vez não havia ninguém. Na segunda, ninguém. O que lhe faz pensar que agora na terceira vez há alguém?

SR. SMITH: Porque há alguém tocando!

SRA. MARTIN: Tem razão.

SR. MARTIN: O que? Quando se escuta a campainha, significa que alguém está tocando e que a porta deve ser aberta.

SRA. MARTIN: Nem sempre. Você acabou de ver o contrário!

SR. MARTIN: Na maioria dos casos, sim.

SR. SMITH: Cá pra mim, quando vou visitar alguém, eu toco a campainha para ser atendido. E creio que todos fazem a mesma coisa, então toda vez que ela toca deve haver alguém na porta.

SRA. SMITH: A teoria é correta. Mas, na realidade, as coisas acontecem de forma diferente. Você acabou de ver o contrário.

SRA. MARTIN: Sua esposa está certa.

SR. MARTIN: Oh! Vocês mulheres! Sempre defendendo umas as outras.

SRA. SMITH: Bem, eu vou atender. Você pode dizer que sou teimosa, mas você viu que não havia ninguém! *(Ela vai olhar, abre a porta e fecha.)* Viu, não há ninguém.

(Ela retorna ao seu lugar.)

SRA. SMITH: Ah, esses homens que sempre pensam que estão certos e quem sempre estão errados!

(A campainha toca novamente.)

SR. SMITH: Meu Deus, alguém está tocando a campainha. Deve haver alguém na porta.

SRA. SMITH *(Num acesso de raiva):* Não me mande mais abrir a porta. Você bem viu que é inútil, porque a experiência nos ensina que quando tocam a campainha não tem ninguém.

SRA. MARTIN: Jamais tem gente.

SR. MARTIN: Isso não é certo.

SR. SMITH: De fato não é certo. Quando se escuta a campainha tocar, é porque quem tem alguém tocando.

SRA. SMITH: Ele nunca dá o braço a torcer.

SRA. MARTIN: O meu marido nunca dá o braço a torcer também.

SR. SMITH: Há alguém na porta.

SR. MARTIN: Não é impossível.

SRA. SMITH (*ao marido*): Não.

SR. SMITH: Sim.

SRA. SMITH: Eu vos digo que não. Em todo caso, você não vai me fazer ir lá novamente. Se você deseja saber, vá você mesmo olhar!

SR. SMITH: Eu vou.

(*Sra. Smith dá de ombros. Sra. Martin levanta a cabeça.*)

SR. SMITH (*abrindo a porta*): Oh! Olá como vai? (*Ele espia pelo canto de olho Sra. Smith e os Martin, quem estão surpresos.*) É o capitão dos bombeiros!

CENA VIII

CAPITÃO (*ele está naturalmente de uniforme e usando um enorme capacete brilhante*): Boa noite, senhoras e senhores. (*Os Smith e os Martin ainda estão um pouco espantados. Sra. Smith mexe a cabeça, com raiva, e não responde ao cumprimento do capitão.*) Boa noite, Sra. Smith. A senhora parece zangada.

SRA. SMITH: Oh!

SR. SMITH: Isso é porque está um pouco contrariada por ter sido provado que estava errada.

SR. MARTIN: Estava havendo uma discussão entre Sr. e Sra. Smith, capitão.

SRA. SMITH (*ao Sr. Martin*): Isto não é da sua conta! (*para Sr. Smith:*) Peço-lhe para não envolver estranhos nos problemas de família.

SR. SMITH: Ah, querida, isso não é tão grave. O capitão é um antigo amigo da família. A sua mãe cortejava-me, e o conheci o pai dele. Pediu-me que lhe desse uma filha minha em casamento se eu tivesse uma. E morreu esperando.

SR. MARTIN: Não é culpa dele, nem sua.

CAPITÃO: Bem, sobre o que estavam falando?

SRA. SMITH: Meu marido estava reclamando...

SR. SMITH: Não, é você quem estava reclamando.

SR. MARTIN: Sim, era ela.

SRA. MARTIN: Não, era ele.

CAPITÃO: Não se exaltem. Conte-me Sra. Smith.

SRA. SMITH: Bem, era isso mesmo. É difícil falar abertamente com você, mas um bombeiro também é confessor.

CAPITÃO: Bem, então?

SRA. SMITH: Nós estávamos discutindo porque meu marido disse que cada vez que a campainha toca, é porque deve haver alguém na porta.

SR. MARTIN: É plausível.

SRA. SMITH: E eu estava dizendo que toda vez que a campainha toca não tem ninguém.

SRA. MARTIN: Pode parecer estranho.

SRA. SMITH: Mas isso ficou provado, não pelas demonstrações teóricas, mas pelos fatos.

SR. SMITH: É falso, uma vez que o capitão está aqui. Ele tocou a campainha, eu abri a porta, ele está aqui.

SRA. MARTIN: Quando?

SR. MARTIN: Agora.

SRA. SMITH: Sim, mas foi somente na quarta vez que a campainha tocou que havia alguém na porta. E a quarta vez não conta.

SRA. MARTIN: Nunca. Somente as três primeiras vezes que contam.

SR. SMITH: Capitão, permita-me a vez de lhe fazer algumas perguntas.

CAPITÃO: Vá em frente.

SR. SMITH: Quando abri a porta e o vi, foi você quem realmente tocou a campainha?

CAPITÃO: Sim, fui eu.

SR. MARTIN: Você estava na porta? E você tocou a campainha para ser recebido?

CAPITÃO: Não nego isso.

SR. SMITH (*à esposa, triunfante*): Vê? Eu estava certo. Quando você ouvir a campainha, é porque que tem alguém tocando. É você certamente não pode dizer que o capitão não é ninguém.

SRA. SMITH: Certamente que não. E repito a você que eu estava falando somente das três primeiras vezes, pois a quarta vez não conta.

SRA. MARTIN: E quando a campainha tocou pela primeira vez, era você?

CAPITÃO: Não, não era eu.

SRA. MARTIN: Vê? A campainha tocou e não havia ninguém.

SR. MARTIN: Não terá sido talvez outra pessoa?

SR. SMITH: Você estava em frente à porta há muito tempo?

CAPITÃO: Há quarenta e cinco minutos.

SR. SMITH: E não viu ninguém?

CAPITÃO: Ninguém. Tenho certeza.

SRA. MARTIN: E escutou quando a campainha tocou pela segunda vez?

CAPITÃO: Sim, e não fui eu. E não havia ninguém lá.

SRA. SMITH: Vitória! Eu estava certa.

SR. SMITH (*à esposa*): Não tão rápido. (*ao capitão*;) E o que estava fazendo na porta?

CAPITÃO: Nada. Estava apenas parado lá. Estava pensando em um monte de coisas.

SR. MARTIN (*ao capitão*): Mas na terceira vez – não foi você quem tocou?

CAPITÃO: Sim, fui eu.

SR. SMITH: Mas quando a porta foi aberta não havia ninguém.

CAPITÃO: Porque eu estava escondido – rindo.

SRA. SMITH: Não faça brincadeiras, capitão. Isso é muito feio.

SR. MARTIN: Em suma, ainda não sabemos se quando a campainha toca, tem alguém ou não!

SRA. SMITH: Nunca tem alguém.

SR. SMITH: Sempre tem alguém.

CAPITÃO: Vou reconciliar-los. Vocês estão em partes certos. Quando a campainha toca, às vezes tem alguém, às vezes não tem ninguém.

SR. MARTIN: Faz sentido pra mim.

SRA. MARTIN: Creio que sim.

CAPITÃO: As coisas são simples, de verdade. (*aos Smith*;) Vamos, beijem-se.

SRA. SMITH: Nós nos beijamos ainda há pouco atrás.

SR. MARTIN: Eles se beijarão amanhã. Eles têm tempo suficiente.

SRA. SMITH: Capitão, uma vez que nos ajudou a resolver isso, por favor, sinta-se à vontade, tire seu capacete e sente-se um pouco.

CAPITÃO: Desculpe-me, mas não posso ficar muito tempo. Eu gostaria de tirar meu capacete, mas não tenho tempo pra sentar. Eu vim aqui por outro motivo. Estou em missão oficial.

SRA. SMITH: E o que podemos fazer por você, Capitão?

CAPITÃO: Peço-lhe minhas desculpas pela indiscrição (*terrivelmente envergonhado*)... Hum
(*Ele aponta para os Martin*)... Vocês não se importam... Na frente deles...

SRA. MARTIN: Diga o que quiser.

SR. MARTIN: Somos velhos amigos. Eles nós contam tudo.

SR. SMITH: Fale.

CAPITÃO: Er, bem – há algum incêndio aqui?

SRA. SMITH: Porque está nos perguntando isso?

CAPITÃO: É porque – perdoem-me – eu tenho ordens para apagar todos os incêndios ocorridos na cidade.

SRA. MARTIN: Todos?

CAPITÃO: Sim, todos.

SRA. SMITH (*confusa*): Não sei... Acho que não. Você quer que eu vá olhar?

SR. SMITH (*fungando*): Não têm incêndio aqui. Não há nem cheiro de fumaça.

CAPITÃO (*magoado*): Nenhum? Nem um foguinho na chaminé, algo queimando no sótão ou no porão? Nem um principozinho de incêndio, pelo menos?

SRA. SMITH: Lamento ter que desapontá-lo, mas eu não acredito que haja qualquer coisa aqui no momento. Prometo que vou notificá-lo quando tivermos algo.

CAPITÃO: Por favor, não esqueça, seria de grande ajuda.

SRA. SMITH: Isto é uma promessa.

CAPITÃO (*aos Martin*): E na casa de vocês não há nada queimando?

SRA. MARTIN: Não, infelizmente.

SR. MARTIN (*ao capitão*): As coisas não estão indo bem.

CAPITÃO: Muito mal. Quase nada, uma mixaria – uma chaminé, um celeiro. Nada importante. E não rende muito. E uma vez que não há retorno, os lucros na produção são muito escassos.

SR. SMITH: Tempos ruins. Essa é a verdade. Para os negócios, para agricultura, para os incêndios, nada está prosperando.

SR. MARTIN: Sem trigo, sem fogo.

CAPITÃO: Nem inundações.

SRA. SMITH: Mas tem açúcar.

SR. SMITH: Isso porque é importado.

SRA. MARTIN: É mais difícil no caso dos incêndios. As tarifas são altas demais!

CAPITÃO: São todos os mesmo, há ocasionalmente uma asfixia por gás, mas isso é muito incomum. Por exemplo, uma jovem mulher asfixiou-se na semana passada – ela havia deixado o gás aberto.

SRA. MARTIN: Ela se esqueceu?

CAPITÃO: Não, ela pensou que era seu pente.

SR. SMITH: Essas confusões são sempre perigosas!

SRA. SMITH: Você vai assistir às partidas do comerciante?

CAPITÃO: Não há nada pra fazer lá. Ele é segurado contra incêndios.

SR. MARTIN: Então vá ver, da minha parte, o pároco de Wakefield!

CAPITÃO: Eu não tenho direito de extinguir o incêndio de clérigos. O bispo iria se zangar. Eles extinguem seus próprios incêndios, ou são extintos pelas Virgens Vestais.

SR. SMITH: Vá visitar o Durands.

CAPITÃO: Não posso fazer isso. Ele não é inglês. Ele é apenas naturalizado. E cidadãos naturalizados têm o direito de ter casas, mas não têm direito de apagar os incêndios se estiverem queimando.

SRA. SMITH: No entanto, quando pegou fogo ano passado, apagaram do mesmo jeito.

CAPITÃO: Ele fez tudo sozinho. Clandestinamente. Mas não seria eu quem avisaria ele.

SR. SMITH: E nem eu.

SRA. SMITH: Capitão, uma vez que não está com presa, fique um pouco mais. Estaria nos fazendo um favor.

CAPITÃO: Posso lhes contar uma história?

SRA. SMITH: Ah, sem dúvidas, você é amável. (*Ela o beija.*)

SR. SMITH, SRA. MARTIN, SR. MARTIN: Sim, sim, histórias, viva!

(*Eles aplaudem.*)

SR. SMITH: E o que é ainda mais interessante é o fato de as histórias dos bombeiros serem todas verdadeiras, e são baseadas na experiência.

CAPITÃO: Falo de minha própria experiência. A verdade, nada mais que a verdade. Nenhuma ficção.

SR. MARTIN: Isso mesmo. A verdade nunca é encontrada em livros, somente na vida.

SRA. SMITH: Comece!

SR. MARTIN: Comece!

SRA. MARTIN: Quietos, ele está começando.

CAPITÃO: (*tosse discretamente várias vezes*) Desculpe-me, não olhem pra mim dessa maneira. Vocês me deixam acanhado. Sabem muito bem que sou tímido.

SRA. SMITH: Ele não é amável! (*Ela o beija.*)

CAPITÃO: De qualquer forma vou começar. Mas prometam-me que não irão prestar atenção.

SRA. MARTIN: Mas se nós não prestarmos atenção não vamos ouvir-lo.

CAPITÃO: Eu não acho isso!

SRA. SMITH: Eu disse, ele é apenas um garoto.

SR. MARTIN, SR. SMITH: Ah, que garoto amável! (*Eles o beijam.*)

SRA. MARTIN: Não desanime!

CAPITÃO: Bem, então! (*Ele tosse novamente com a voz emocionada:*) "O cão e a vaca", uma fábula experimental. Era uma vez outra vaca que perguntou a outro cão: "Porque você não engoliu sua tromba?" "Perdoe-me," respondeu o cão, "É porque eu pensei que era um elefante."

SRA. MARTIN: Qual é a moral?

CAPITÃO: Isso você deve descobrir.

SR. SMITH: Ele está certo.

SRA. SMITH (*furioso*): Conte-nos outro.

CAPITÃO: Um bezerro tinha comido muito vidro temperado. Como resultado, foi obrigado a dar à luz. E trouxe ao mundo uma vaca. No entanto, como o bezerro era macho, a vaca não poderia chamá-lo de mãe. E também não poderia chamá-lo de pai, porque o bezerro ainda era muito pequeno. O bezerro foi então obrigado a se casar e o conselho tomou todas as medidas impostas pelas circunstâncias da moda.

SR. SMITH: À moda de Caen.

SR. MARTIN: Como as tripas.

CAPITÃO: Vocês já tinham ouvido falar?

SRA. SMITH: Está em todos os jornais.

SRA. MARTIN: Aconteceu não muito longe de nossa casa.

CAPITÃO: Vou-lhes contar outra: "O Galo". Era uma vez, um galo que queria brincar com o cão. Mas ele não teve sorte porque todos o reconheciam imediatamente.

SRA. SMITH: Por outro lado, o cão que queria brincar com o galo nunca fora reconhecido.

SR. SMITH: Vou contar-lhes uma: "A serpente e a raposa". Certa vez, uma serpente, aproximando-se de uma raposa disse-lhe: "Parece-me que já a conheço". A raposa respondeu: "A mim também". "Então", disse a serpente, "me dá dinheiro". "Raposa não dá dinheiro". Respondeu o ousado animal, que para escapar, saltou num vale profundo, cheio de pés de framboesa e de mel de galinha. A serpente já estava esperando, rindo com um sorriso mefistofélico. A raposa puxou a faca urrando: "Eu vou te ensinar a viver". Depois fugiu, virando as costas. Não conseguiu, a serpente foi mais esperta. Com um soco bem dado bateu na raposa, no meio da testa que se quebrou em mil pedaços, gritando: "Não, não! Quatro vezes não! Eu não sou sua filha!"

SRA. MARTIN: É bem interessante.

SRA. SMITH: Não é má.

SR. MARTIN (*apertando a mão do Sr. Smith*): Meus parabéns.

CAPITÃO (*com inveja*): Não foi tão bom. E de qualquer forma, eu já tinha escutado essa antes.

SR. SMITH: É terrível.

SRA. SMITH: Mas era mesmo verdade.

SRA. MARTIN: Sim, infelizmente.

SR. MARTIN (*a Sra. Smith*): É sua vez, madame.

SRA. SMITH: Eu só conheço uma. E vou contar-lhes agora. Chama-se "O Bouquet".

SR. SMITH: Minha esposa sempre foi romântica.

SR. MARTIN: É uma verdadeira inglesa.

SRA. SMITH: Aqui está: Era uma vez, um noivo que tinha dado um bouquet de flores para sua noiva, que disse "Obrigada", mas antes, ela tinha dito "Obrigada," ele, sem dizer uma única palavra, pegou todas as flores que tinha dado a ela a fim de lhe ensinar uma boa lição, e ainda disse: "Vou pega-las de volta." E completou dizendo, "Adeus," e tomou-as de volta em seguida.

SR. MARTIN: Oh, encantador! (*Ele quer e não quer beijar a Sra. Smith.*)

SRA. MARTIN: Você tem uma esposa, Sr. Smith, de nos dar inveja.

SR. SMITH: É verdade. A minha mulher é a inteligência personificada. É mesmo mais inteligente do que eu. Em todo o caso é muito mais feminina. Dizem.

SRA. SMITH (*ao capitão*): Conte-nos outra, capitão.

CAPITÃO: Ah, não, está muito tarde.

SR. MARTIN: Conte-nos, assim mesmo.

CAPITÃO: Estou muito cansado.

SR. SMITH: Por favor, faça-nos esse favor.

SR. MARTIN: Eu peço-lhe.

CAPITÃO: Não.

SRA. MARTIN: Você tem um coração de gelo. Nós somos o carvão em brasa.

SRA. SMITH (*ela cai de joelhos, em prantos, ou não*): Eu lhe imploro!

CAPITÃO: Tudo bem.

SR. SMITH (*na orelha da Sra. Martin*): Ele concorda! Vai fazer isso até conseguir nos aborrecer.

SRA. MARTIN: Psiu!

SRA. SMITH: Sem chance. Eu fui bem educada.

CAPITÃO: "O Resfriado." Meu cunhado tinha do lado paterno, um primo cujo tio materno tinha um sogro cujo avô paterno tinha se casado em segundas núpcias com uma jovem indígena cujo irmão tinha encontrado, numa de suas viagens, uma moça pela qual se apaixonou e com a qual teve um filho que se casou com uma farmacêutica intrépida que não era outra senão a sobrinha de um inspetor de quarteirão que a Marinha Britânica não conhecia e cujo pai adotado tinha uma tia que falava espanhol fluentemente e que era talvez, uma das netas de um engenheiro que morreu jovem, sendo ele próprio neto de um proprietário de vinhas, que produzia um vinho medíocre, mas que tinha um segundo sobrinho, caseiro, um sargento-major, cujo filho havia desposado uma mulher jovem e muito bonita, divorciada, cujo primeiro marido era filho de um patriota sincero, que no desejo de fazer fortuna, soube impor uma de suas filhas que se pôde casar com um caçador que havia conhecido Rothschild e cujo irmão, depois de haver mudado muitas vezes de profissão, casou-se e teve uma filha, cujo bisavô miserável, usava óculos que lhe haviam sido dados por um seu primo, cunhado de um português, filho natural de um moleiro, não muito pobre, cujo irmão adotivo tinha casado com a filha de um médico rural recém formado, que era ele próprio um irmão adotivo do filho do forasteiro, ele próprio filho natural de outro médico rural, casado três vezes sucessivamente, cuja terceira esposa...

SR. MARTIN: Eu sabia que era a terceira esposa, se não estou enganada. Ela comeu frango em uma armadilha.

CAPITÃO: Não é a mesma.

SRA. SMITH: Psiu!

CAPITÃO: Como eu estava dizendo: ...cuja terceira esposa era filha da melhor parteira da região e que, viuvoa no tempo certo...

SR. SMITH: Como minha mulher.

CAPITÃO:... Que se casou novamente com um vidraceiro que era cheio de vida e que tivera, pela filha de um comandante da estação ferroviária, uma criança que tinha conseguido fazer o seu caminho na vida...

SRA. SMITH: Nos trilhos...

SR. MARTIN: Como nas cartas.

CAPITÃO: ... E que tinha casado com um comerciante de nove temporadas, cujo pai tinha um irmão, prefeito de uma pequena cidade, que tomou como esposa uma professora loura, cujo primo, um pescador na linha...

SR. MARTIN: O fim da linha?

CAPITÃO: ... Que tinha casado com outra professora loura, também chamada Marie, cujo irmão era casado com outra Marie, também professora e loura...

SR. SMITH: Uma vez sendo loura, deve se chamar Marie.

CAPITÃO: ...e cujo pai tinha sido criado no Canadá por uma senhora que foi sobrinha de um sacerdote cuja avó, ocasionalmente no inverno, como todo mundo, apanhou um resfriado.

SRA. SMITH: Uma história curiosa. Quase inacreditável.

SR. MARTIN: Quando se apanha um resfriado, deve ter um laço de fita.

SR. SMITH: Uma preocupação inútil, mas absolutamente necessária.

SRA. MARTIN: Desculpe-me, capitão, mas eu não acompanhei a história muito bem. No final, na avó do sacerdote, eu fiquei confusa.

SR. SMITH: Ainda sim, há confusão entre as pernas de um sacerdote.

SRA. SMITH: Ah sim, capitão, comece novamente. Todos querem ouvir.

CAPITÃO: Ah, não sei se posso. Estou em uma missão oficial. Isto depende de que horas são.

SRA. SMITH: Não temos hora em casa.

CAPITÃO: Mas e o relógio?

SR. SMITH: Funciona mal. Está com espírito de contradição, sempre indica o contrário da hora que realmente é.

CENA IX

(Mary entra.)

MARY: Madame... Senhor...

SRA. SMITH: O que você quer?

SR. SMITH: O que a traz aqui até nós?

MARY: Espero que a madame e senhor me desculpem... E também as senhoras e os senhores... Eu gostaria... Eu gostaria... De contar-lhes uma anedota.

SRA. MARTIN: O que ela está dizendo?

SR. MARTIN: Eu acredito que a empregada, nossa amiga, está ficando louca... Ela também quer nos contar uma anedota.

CAPITÃO: Quem ela pensa que é? *(Ele olha pra ela.)* Oh!

SRA. SMITH: Por que você está se intrometendo?

SR. SMITH: Isto é realmente desnecessário, Mary...

CAPITÃO: Ah! Mas é ela! Não é possível!

SR. SMITH: E você?

MARY: Não é possível! Aqui?

SRA. SMITH: O que significa tudo isso?

SR. SMITH: Você conhece se conhecem?

CAPITÃO: E como!

(Mary joga-se sobre o colo Capitão.)

MARY: Estou tão contente de vê-lo novamente... Finalmente!

SR. E SRA. SMITH: Ah!

SR. SMITH: Isso é demais, aqui, em nossa casa, no subúrbio de Londres.

SRA. SMITH: Não é apropriado!...

CAPITÃO: Foi ela quem apagou meus primeiros focos.

MARY: Sou seu pequeno jato d'água.

SR. MARTIN: Se esse é o caso... Caros amigos... São sentimentos compreensíveis, humanos, honrados...

SRA. MARTIN: Todo humano é honrado.

SRA. SMITH: Mesmo assim, não gosto de vê-la... Aqui entre nós...

SR. SMITH: Ela não foi educada apropriadamente...

CAPITÃO: Ah, vocês têm muitos preconceitos.

SRA. MARTIN: Eu acho que é uma empregada, afinal, embora não seja da minha conta, não é nada mais que uma empregada...

SR. MARTIN: Se mesmo ela pode às vezes ser um bom detetive.

CAPITÃO: Solte-me.

MARY: Não se preocupe!... Eles não são tão perversos como parece.

SR. SMITH: Hm... Hm... Vocês são muito comoventes, mas ao mesmo tempo, um pouco... Um pouco...

SR. MARTIN: Sim, esta é exatamente a palavra.

SR. SMITH:... Um pouco exibidos também...

SR. MARTIN: É uma modéstia peculiar britânica, perdoe-me, mais uma vez, por tentar explicar meus pensamentos, não compreendido por estrangeiros, mesmo por especialistas, graças a qual, posso me expressar assim... Enfim, eu não estava dizendo isso a vocês...

MARY: Eu estava contando...

SR. SMITH: Você não vai contar nada...

MARY: Vou sim!

SRA. SMITH: Vai, minha pequena Mary, vá quieta para a cozinha e leia seus poemas em frente do espelho...

SR. MARTIN: Hei, eu não sou uma empregada, e também leio poemas em frente ao espelho.

SRA. MARTIN: Esta manhã, quando você olhou para você mesmo no espelho, não viu você mesmo.

SR. MARTIN: Isso porque eu ainda não estava lá...

MARY: Ainda sim, eu poderia recitar-lhes um pequeno poema

SRA. SMITH: Querida Mary você é terrivelmente teimosa.

MARY: Então, vou recitar-lhes um poema, está bem? Intitula-se "O Fogo" em homenagem ao capitão:

O Fogo

Os vaga-lumes brilham na floresta. Uma pedra pega fogo. O castelo pega fogo. A floresta pega fogo. Os homens pegam fogo. As mulheres pegam fogo. Os passarinhos pegam fogo. Os peixinhos pegam fogo. A água pega fogo. O céu pega fogo. As cinzas pegam fogo. A fumaça pega fogo. O fogo pega fogo. Tudo pega fogo. Pega fogo, pega fogo.

(Ela continua recitando as palavras finais enquanto os Smith a retiram do palco)

CENA X

SRA. MARTIN: Isso meu deu um arrepio na espinha...

SR. MARTIN: Há um certo calor nesses versos...

CAPITÃO: Eu achei maravilhoso.

SRA. SMITH: Ainda assim...

SR. SMITH: Você está exagerando...

CAPITÃO: Espere um pouco... Admito... Tudo isso é muito subjetivo... Mas na minha concepção de mundo. Meu mundo. Meu sonho. Meu ideal... E agora, isto me lembra que preciso ir. Uma vez que não tem horas, eu estou aqui a cinquenta e um minutos exatamente, e tenho um incêndio no outro lado da cidade. Conseqüentemente, devo apressar-me. Ainda que não seja importante.

SRA. SMITH: O que será? Um foguinho de uma chaminé?

CAPITÃO: Ah, nem isso. Um fogo de palha e uma queimação no estômago.

SR. SMITH: Bem, estamos tristes com sua partida.

SRA. SMITH: Você foi muito divertido.

SRA. MARTIN: Obrigada, nós passamos verdadeiros cinquenta minutos cartesianos.

CAPITÃO (*indo para a porta, e parando*): A propósito... e a cantora careca? (*Silêncio geral, embaraço.*)

SRA. SMITH: Continua a usar o mesmo penteado.

CAPITÃO: Ah! Adeus senhoras e senhores.

SR. MARTIN: Boa sorte, e bom incêndio!

CAPITÃO: Vamos esperar por eles, todos nós.

(*O Capitão sai. Todos o acompanham até a porta e retornam aos seus assentos.*)

CENA XI

SRA. MARTIN: Eu posso comprar um canivete para meu irmão, mas você não pode comprar a Irlanda para o seu avô.

SR. SMITH: A gente anda com os pés, mas a gente se esquentava com eletricidade ou carvão.

SR. MARTIN: Aquele que hoje vende um boi, amanhã terá um ovo

SRA. SMITH: Na vida é preciso olhar pela janela.

SRA. MARTIN: Pode-se sentar numa cadeira, embora não haja cadeira.

SR. SMITH: É necessário sempre pensar em tudo.

SR. MARTIN: O teto fica em cima, o chão fica em baixo.

SRA. SMITH: Quando eu digo sim é uma maneira de falar.

SRA. MARTIN: Cada qual com seu destino.

SR. SMITH: Pegue um círculo, faça uma carícia e ele ficará vicioso.

SRA. SMITH: Um professor ensina seus alunos a ler, mas as gatas amamentam seus filhotes quando são pequenos.

SRA. MARTIN: Enquanto a vaca nos dá a sua cauda.

SR. SMITH: Quando eu estou no campo, adoro solidão e sossego.

SR. MARTIN: Você ainda não está velho o suficiente para isso.

SRA. SMITH: Benjamin Franklin tinha razão: você é menos tranqüilo que ele.

SRA. MARTIN: Quais são os sete dias da semana?

SR. SMITH: Monday, Tuesday, Wednesday, Thursday, Friday, Saturday, Sunday.

SR. MARTIN: Edward is a clerk his sister Nancy is a typist, and his brother William a shop-assistant.

SRA. SMITH: Uma família engraçada!

SRA. MARTIN: Eu prefiro um pássaro voando do que uma meia no carrinho de mão.

SR. SMITH: Prefiro filé em um chalé do que leite em um palácio.

SR. MARTIN: A casa de um Inglês é um verdadeiro palácio.

SRA. SMITH: Eu não sei espanhol o suficiente para minha própria compreensão.

SRA. MARTIN: Eu vou te dar os chinelos da minha sogra se você me der o caixão do seu marido.

SR. SMITH: Eu estou à procura de um padre monofisita pra casar nossa empregada.

SR. MARTIN: Pão é uma árvore, apesar de que o pão também é uma árvore, um orvalho é um orvalho que brota todas as manhãs ao alvorecer.

SRA. SMITH: Meu tio vive no campo, mas isso não é da conta da parteira.

SR. MARTIN: Papel é para ser escrito, do gato para o rato. O queijo é para ser raspado

SRA. SMITH: O carro é muito rápido, mas o cozinheiro prepara os melhores pratos.

SR. SMITH: Não sejam fracassados, abrace em lugar de conspirar.

SR. MARTIN: Charity begins at home.

SRA. SMITH: Estou esperando o aqueduto chegar e me ver no meu moinho.

SR. MARTIN: Pode-se provar que o progresso social fica bem melhor com açúcar.

SR. SMITH: Abaixo o engraxamento!

(Após a última frase do Sr. Smith, os outros ficam calados por um momento, estupefatos. Deve-se sentir uma certa irritação. As batidas do relógio devem ser mais nervosas ainda. Os discursos que se seguem devem ser ditos, em tom frio e hostil. A hostilidade e nervosismo aumentam. No final da cena, os quatro personagens devem estar em pé muito próximos uns dos outros, gritando suas falas, levantando seus punhos, pronto para atirarem-se uns sobre os outros.)

SR. MARTIN: Não podemos polir esses óculos com graxa preta!

SRA. SMITH: Sim, mas com dinheiro podemos comprar tudo o que quisermos.

SR. MARTIN: Eu prefiro matar um coelho do que cantar no jardim.

SR. SMITH: Cacatuas, cacatuas.

SRA. SMITH: Que cagada, que cagada.

SR. MARTIN: Que cascata de cagadas, que cascata de cagadas.

SR. SMITH: Cães têm pulgas, cães têm pulgas.

SRA. MARTIN: Cactus, cóccix! Coccus! Cuco! Coque!

SRA. SMITH: Caçador, nos caça.

SR. MARTIN: Eu prefiro pôr um ovo em uma caixa do que ir e roubar um boi.

SRA. MARTIN (*abrindo bastante a boca*): Ah! Oh! Ah! Oh! Deixe-me ranger meus dentes.

SR. SMITH: Crocodilo!

SR. MARTIN: Vamos esbofetear Ulisses.

SR. SMITH: Concatenarei casa com coco de conga.

SRA. MARTIN: Dos cacaueros nos cacauais não caem cocos, cai cacau! Dos cacaueros nos cacauais não caem cocos, cai cacau! Dos cacaueros nos cacauais não caem cocos, cai cacau!

SRA. SMITH: Ratos têm piolhos, piolhos não têm ratos.

SRA. MARTIN: Não estufo meu pantufo!

SRA. MARTIN: Não afofo meu pantufo!

SR. SMITH: Não entroche a brocha, não embroche a toca.

SRA. MARTIN: A brocha chocha.

SRA. SMITH: Escache uma brocha.

SR. MARTIN: Murche a sarja bruxa, Murche a sarja bruxa.

SR. SMITH: Escaramuche a escaramucha!

SRA. MARTIN: Escaramucha!

SRA. SMITH: Bruxa murcha!

SR. MARTIN: Tu bruxa é trouxa.

SR. SMITH: Você me entrouxa.

SRA. MARTIN: Bruxa murcha não entrouxa a trouxa.

SRA. SMITH: "Vou-me embora pra Pasárgada."

SR. MARTIN: Sully!

SR. SMITH: Prudhomme!

SRA. MARTIN, SR. SMITH: François!

SRA. SMITH, SR. MARTIN: Coppée!

SRA. MARTIN, SR. SMITH: Coppée Sully!

SRA. SMITH, SR. MARTIN: Prudhomme François

SRA. MARTIN: Espécie de gargarejos, espécie de gargarejadores.

SR. MARTIN: Mariette, bunda de marmita!

SRA. SMITH: Krishnamurti, Krishnamurti, Krishnamurti!

SR. SMITH: O Papo derrapa. O papa não papa o sopapo. O papo despapa por sopapos!

SRA. MARTIN: Bazar, Balzac, Bazaine!

SR. MARTIN: Bisar, bisou, bisonho!

SR. SMITH: A, e, i, o, u, a, e, i, o, u, a, e, i, o, u, i!

SRA. MARTIN: B, c, d, f, g, h, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w, x, z!

SR. MARTIN: Do alho ao óleo, do óleo ao alho!

SRA. SMITH (imitando um trem): Tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu!

SR. SMITH: Não!

SRA. MARTIN: é!

SR. MARTIN: Por!

SRA. SMITH: Lá!

SR. SMITH: É!

SRA. MARTIN: Por!

SR. MARTIN: A!

SRA. SMITH: Qui!

(Todos juntos, no máximo da fúria, berrando uns nos ouvidos dos outros. A luz diminui. Na escuridão, ouve-se num ritmo cada vez mais rápido:)

TODOS: Não é por lá, é por aqui, não é por lá, é por aqui!

(As palavras cessam bruscamente. De novo a luz acende. O Sr. e a Sra. Martin estão sentados, como os Smith no começo da peça. A peça recomeça com os Martin, que dizem exatamente as falas dos Smith na cena um, enquanto o pano fecha-se lentamente.)

www.desvendandoteatro.com